

Macrométrica crê em congelamento

Congelamento de preços públicos, câmbio e salários, com negociação dos preços privados através das Câmaras Setoriais. Ou, simplesmente, congelamento de preços públicos com prefixação dos demais, bem como dos salários. Segundo a Macrométrica, esta é a fórmula mais provável do plano de estabilização a ser adotado pelo futuro Governo, que poderá reduzir os índices para 34,33% em abril e para 5,15% em maio, mas também levar a economia à hiperinflação no médio prazo.

A empresa do economista Francisco Lopes traçou três cenários para a economia brasileira no período de 1990 a 1995 e que dependerão, basicamente, das medidas a serem adotadas pelo Presidente eleito, Fernando Collor, logo após a posse. O estudo diz que há 90% de chances de a economia mergulhar numa hiperinflação completa, com dolarização da economia, até meados de 1991. Por outro lado, há 100% de chances de estabilidade de preços a partir de 1993 e de retomada do crescimento sustentado a partir de 1992.

De acordo com a Macrométrica, o mais provável é que haja um choque heterodoxo, acoplado a um programa de ajuste fiscal e de reforma do Estado. Neste caso, o "tarifaço" e a maxidesvalorização do cruzado novo antecederiam o congelamento. Já os preços privados seriam negociados na Câmaras Setoriais.

O outro cenário, menos provável, considerado pela Macrométrica, é de adoção de um choque liberal. Neste caso, haveria total eliminação de controles sobre preços e liberalização do mercado cambial, que conduziria a economia a um intenso processo de dolarização.

A terceira hipótese aponta para uma betenização, que causaria a aceleração inflacionária. Durante o primeiro semestre, o Governo teria que adotar uma reforma monetária, através de um choque de austeridade sobre o caixa do Governo. A recessão, no segundo semestre, seria moderada e de curta duração, com retomada do crescimento no início de 1991.